

Desigualdade bate recorde na pandemia: todos perderam, mas o pobre perdeu mais

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)



A desigualdade de renda subiu a um recorde histórico no primeiro trimestre de 2021 por causa da pandemia, segundo levantamento do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV Social), coordenado pelo economista Marcelo Neri, que é tratado nesta quarta-feira no editorial do jornal O GLOBO.

Destaco alguns números: a renda média per capita caiu 10% entre o primeiro trimestre de 2020 e o mesmo período deste ano. Todos os trabalhadores perderam, mas para a metade mais pobre, o baque foi maior: 28,8%.

Apesar da perda da renda, o trabalhador de classe média com carteira assinada teve seu emprego protegido com o programa do governo federal para manutenção de vagas, o BEm. Além disso, os empregados com renda maior têm um tipo de trabalho que pode ser executado remotamente, e eles têm equipamentos tornando possível executar suas tarefas online.

Já que o trabalhador mais pobre, em alguns casos, ficou sem renda. Os empreendedores de pequenos comércios, no primeiro momento, foram impedidos de sair para trabalhar. Depois, perderam renda com a redução do fluxo de clientes. Os pequenos negócios murcharam. E a informalidade cria obstáculos para ações do governo voltadas para este público. Houve o auxílio emergencial que foi menor este ano e atingiu menos pessoas este ano. E os trabalhadores mais pobres têm menos capacidade de executar o trabalho remotamente.

Outra vertente da desigualdade é a educação, onde aconteceu o mesmo fenômeno. O estudante mais pobre tinha menos acesso aos equipamentos para o ensino remoto, enquanto o estudante de classe média tinha essa possibilidade. A desigualdade educacional aumentou muito e é um assunto que Fundação Roberto Marinho está atenta, tem feito pesquisas tentando medir exatamente essa perda dos alunos mais pobres. A educação no meio da pandemia exige a inclusão tecnológica.

O desemprego atinge 21 milhões, entre desempregados e desalentados. Estamos em uma terra arrasada. O Índice Gini, muito usado para medir a desigualdade, vai de 0 a 1 - quanto mais perto de 1, mais desigual. No Brasil, está em 0,6744. Desfazer esse terrível legado da pandemia é tarefa urgente.